

PRESENÇA DA AMAZÔNIA NO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO: Apontamentos descritivos para um guia futuro

Yurgel Pantoja Caldas (Universidade Federal do Amapá)

Introdução: apresentando o *Almanaque*

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* foi uma publicação que circulou entre os anos de 1851 e 1932, ininterruptamente, em Portugal, no Brasil e nas colônias portuguesas na África. Criado por Alexandre Magno de Castilho (irmão do escritor português Antonio Feliciano de Castilho), o *Almanaque* adota, em seus quatro primeiros números, o título de *Almanaque de Lembranças*; a partir do quinto número, surge a nomenclatura que normalmente se utiliza quando a referida publicação é tratada como objeto de estudo (justamente o nome de *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*¹). Por fim, a dita publicação altera novamente o seu nome para *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, vigorando até sua última edição, em 1932.

Com exceção da primeira edição, que tomou lugar em Paris, no ano de 1851, todos os números do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* encontram-se no acervo do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) à disposição dos investigadores do Centro e de qualquer outro a ele ligado². Nos últimos anos, o Grupo de Investigação 6 tem voltado suas energias para o exame dos números do *ALLB*, tendo publicado diversos trabalhos que atualizam a proposta vária do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, à luz de diversos ramos do conhecimento. Assim, temos trabalhos que discutem a presença feminina no *Almanaque*³ e os que se ocupam da definição do espaço

¹ Este estudo também adota o nome “unificado” de *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (ALLB).

² Não se pode deixar de fazer um agradecimento especial à pesquisadora Vania Pinheiro Chaves, que coordena o Grupo de Investigação 6 do CLEPUL, o qual, dentre outros *corpi*, se ocupa do estudo acurado acerca do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Foi de Vania Chaves que recebi o convite para colaborar naquele Grupo de Investigação, em 2011, e desde então procuro fazer jus ao convite buscando colaborar com as pesquisas em andamento sobre o *ALLB*. Este trabalho é o primeiro a ser apresentado após ter me tornado colaborador do Grupo de Investigação 6 do CLEPUL.

³ Destacam-se os trabalhos de Vania Chaves (“Notas para o estudo da presença feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, in *Navegações* v. 4, n. 2, 2011), Maria Manuela Lourenço (“Poesia feminina no

físico presente na publicação, como o Projeto de Investigação “Os Açores no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, coordenado por Maria Margarida Maia Gouveia e Vania Pinheiro Chaves⁴. Há também trabalhos que mesclam tanto o estudo da escrita feminina no *Almanaque* quanto uma definição espacial nele presente, como o de Ana Patrícia P. V. Santos (“A mulher de África no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, in *Navegações*, v. 4, n. 2, 2011).

Tempos e espaços no ALLB

Conforme já informado, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* circulou, de maneira ininterrupta, entre os anos de anos de 1851 e 1932, perfazendo 81 anos de presença editorial. Durante esse período, no que toca ao Brasil, o país vivia num contexto de consolidada independência política de Portugal (o país editor do *Almanaque*), ao mesmo tempo em que era um promissor mercado consumidor do *Almanaque*⁵, sem deixar de ser, junto com Portugal, o país cujos colaboradores têm maior número de participação nos volumes do *Almanaque*. Assim, com relação à nacionalidade dos colaboradores do *Almanaque*, percebe-se uma predominância luso-brasileira e uma ausência africana, conforme observa Eliana Dutra, em seu artigo “Laços fraternos” (in *Revista do Arquivo público Mineiro*, p. 122), onde se lê: “Um ponto interessante a ser destacado relaciona-se aos colaboradores do *Almanaque*. Eles não são unicamente portugueses. [...] Isso significa que, quando não são portugueses, eles podem ser brasileiros, mas nunca africanos”.

Eliana Dutra toma os dados referentes aos colaboradores, mas não somente isso, para concluir acertadamente que o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* evoca o velho antagonismo entre Natureza e Cultura, onde esta é quase sempre relacionada ao domínio da civilização europeia (portuguesa) sobre aquela (Natureza), que é própria da América (Brasil). Dessa forma, é comum vermos no *Almanaque* a repetição de um estereótipo bem conhecido nas Letras: “a grandeza do território, os rios caudalosos, as cascatas magníficas, as florestas

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro”, in *Navegações*, v. 4, n. 2, 2011), Isabel Lousada e Solange Cardoso (“Mulheres que dão a cara: as Senhoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*), 2012), Laura Areias (“Um certo olhar sobre as mulheres do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, in *Navegações*, v. 4, n. 2, 2011), dentre outros.

⁴ Sobre as definições de espaços geográficos no ALLB, destaca-se o projeto coordenado por Vania P. Chaves, intitulado “O Rio Grande do Sul no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”. Chama atenção a publicação do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: Presença Cabo-verdiana*, editado pelo Instituto Nacional da Biblioteca Nacional e do Livro, 2012.

⁵ Sobre esse novo Mercado editorial e de consumo das Letras que se abria no Brasil da segunda metade do século XIX, quando do início da circulação do ALLB, Eliana Dutra (p. 123) aponta o seguinte quadro: “[...] os anos 50 do século XIX registram no Brasil melhoras visíveis nas condições sociais, técnicas e culturais, traduzidas por políticas de alfabetização, abertura de bibliotecas, inaugurações de livrarias e tipografias que permitiriam uma maior difusão de livros, almanaques, panfletos; um incremento da profissionalização das atividades de impressores, editores e livreiros, bem como a formação de um público leitor”.

virgens, a vegetação esplêndida, os povos selvagens, o aspecto variado e soberbo do céu e do sol, as riquezas minerais, os diamantes, as esmeraldas, a variedade de raças” (DUTRA, *in Revista do Arquivo Público Mineiro*, p. 122).

A título de curiosidade, a tiragem do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* chegou a girar em torno de 20.000 exemplares, e somente para o ano de “1857, havia a previsão de uma tiragem de 24 mil exemplares” (DUTRA, *in Revista do Arquivo Público Mineiro*, p. 118). O sucesso do *Almanaque*, o qual circulava no Brasil, em Portugal e em suas províncias ultramarinas africanas e asiáticas, era algo real que algumas de suas edições chegavam a ter reedições, conforme anota Vânia Chaves (*in Navegações [...]*, v. 4, n. 2, 2011, p. 189). Isso demonstra o grau de penetração que os variados textos do *Almanaque* tinham na cultura brasileira, entre a segunda metade do século XIX e as pouco mais de três décadas do século seguinte, com um conjunto de textos “aparentemente inocentes” (DUTRA, *in Revista do Arquivo Público Mineiro*, p. 118) desse “livrinho ameno, próprio para todos os paladares, e de inegável utilidade, ao mesmo tempo para todas as classes”⁶ (CASTILHO, *in Almanaque de Lembranças*, 1851 [“Prólogo”]).

Incorporando a já conhecida ideia de publicações dessa natureza, ou seja, um misto de anuário, livro, revista e jornal, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* surge como um produto de democratização de ideias, proclamada no “Prólogo” de seu primeiro editor (Castilho), mas também eivada de uma visão enciclopédica do mundo – ideia corrente nas Letras de meados do século XIX – que o mesmo “Prólogo” indica, quando separa as “pessoas instruídas” (o espaço português/europeu da ordem racional), de um lado, e “as outras” (o Brasil e as colônias ultramarinas de Portugal, na África e na Ásia), de outro, retomando os valores inerentes entre Cultura e Natureza.

Referências Amazônicas no ALLB

Neste momento, é importante fazer algumas considerações com relação aos critérios estabelecidos para as referências amazônicas presentes no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Para esta pesquisa, que – diga-se de passagem – ainda está em andamento, porque ainda faltam as análises dos dados acerca do contexto político e cultural do Brasil e da Amazônia, nos anos de circulação do ALLB, foi composta uma Tabela com os seguintes itens: a) Autor(a), b) Tema, c) Título e d) Local. Os números do *Almanaque*, utilizados para esta pesquisa, foram os dos anos de 1856, 1857, 1885, 1895, 1902, 1907, 1908, 1929, 1930 e 1931, em virtude de serem estes os números em que se encontram a maior quantidade de referências sobre a

⁶ Assim o *Almanaque de Lembranças* é apresentado no “Prólogo” de seu editor, Alexandre Magno de Castilho, em 1851.

Amazônia no *Almanaque*, durante o período de sua circulação. Assim, vale acenar para o fato de que outros números do *Almanaque* podem conter outras referências sobre o tema, mas que no momento não fazem parte dessa análise, pois tais referências são muito escassas.

O item Autor(a) – que conta com mais de 200 nomes, presente na Tabela construída para basear a pesquisa, de que trataremos a seguir, por ser o item mais problemático dentre os quatro –, nem sempre é preenchido na Tabela, pois há referências não assinadas, como “Tabelas de preço de produtos e serviços” (como os correspondências que circulam entre a Europa e o Brasil, e a cotação de alguns artigos agropecuários); “Notas de Falecimento”; “Publicações Recebidas” (anúncios de livros e revistas, com seus respectivos autores, que disponibiliza o que de mais novo existe no mercado editorial); mapas de toda ordem, como os políticos, os físicos, os hidrográficos, os populacionais e de outros tipos, cuja fonte dificilmente é revelada no *Almanaque*; algumas gravuras (paisagens, embarcações e pessoas ilustres, por exemplo), cuja autoria é omitida; boletins informativos de cunho histórico e legislativo, por exemplo; e outros textos avulsos que tratam de festas populares, folclóricas, religiosas e menções afins, que têm mais a preocupação de informar o leitor do *Almanaque* sobre o conteúdo da matéria do que quem a escreve.

Os itens Tema e Título, que também compõem a Tabela, juntamente com o referente à autoria e o local de onde se escreve, são complementares e ajudam a definir a referência em relação à Amazônia, uma vez que muitos textos não possuem título, mas seu conteúdo (a assunto, o tema abordado na matéria) revela um aporte amazônico, concorrendo para entrar nos dados da Tabela. O Local é o último item da Tabela, compondo os critérios de escolha do material a ser considerado como sendo um fator importante que não apenas mostra que a Amazônia, ou a ideia que se tinha dela entre meados do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, estava se expandindo culturalmente, deixando aos poucos de ser um grande território de apenas duas cidades (Belém e Manaus, que, diga-se de passagem, ainda continuam a ter o maior número de textos e autores colaboradores), para colocar no mapa das Letras e da instrução geral pela leitura do ALLB espaços provavelmente nunca antes revelados ao público luso-brasileiro e africano lusófono, no campo da cultura letrada, como Salinas, Vigia, Afuá, Igarapé-Miri, Cametá, Itaituba, Curuçá, Baião, Currealinho, Muaná, Breves, Igarapé-Açu, Porto de Mós e Portel (no Pará), Tefé, Rio Madeira, Itacoatiara, Alto Rio Solimões, Lábrea, Rio Juruá, Trapiche, Borba, Rio Branco, Alto Purus e Rio Negro (no Amazonas) ou ainda Xapuri, Rio Acre, Rio Juruá (o mesmo rio que também aparece como local do Amazonas, por se tratar de um rio que passa pelos Estados de Amazonas e Acre), Abunã, Cruzeiro do Sul, Baixa-Verde, (no Acre).

Ainda acerca dos espaços apresentados nas edições do *Almanaque*, presentes neste trabalho (repetindo: que cobre os anos entre 1856 e 1931), algumas incertezas começam a

aflorar, como no caso de uma “Nota de Falecimento” (escrita por Martinho Rodrigues de Sousa), oriunda no Alto Purus [ALLB, 1907]). Ocorre que tal espaço pode fazer parte de três Estados amazônicos (Acre, Amazonas ou Rondônia), visto que a região do Alto Purus faz parte da bacia do rio Acre, que cobre os três Estados citados. Assim, mesmo dizendo que se trata do Alto (rio) Purus, não é possível precisar de onde (ou de qual Estado) escreve Martinho Rodrigues de Sousa, visto que ele surge apenas uma vez como colaborador do *Almanaque*. Caso semelhante é o local registrado para a charada de R. F. d’Assumpção, Rio Ari[j]puanã (ALLB, 1907), que tanto pode se referir ao Estado do Amazonas quanto ao de Mato Grosso.

Outro caso de localização imprecisa é do(a) autor(a) S. P. (ALLB, 1907), que assina seu texto do Amazonas, simplesmente. Tal dado espacial pode dizer respeito ao Estado do Amazonas ou ao rio de mesmo nome; neste caso, teríamos quatro Estados possíveis para localizarmos o texto de S. P. (Acre, Amazonas, Pará e Amapá), considerando o curso que o rio Amazonas adota no território brasileiro. Casos idênticos são os textos de Serve, Doutor? (ALLB, 1895), Pintassilgo (ALLB, 1908), Olavo Brito (ALLB, 1908, com o título “A MACHINA DE ESCREVER”), a decifradora de charada Alda Costa (ALLB, 1908) e Coroscal (Novo ALLB, 1902), os quais também assinam suas peças do Amazonas, e aparecem apenas uma vez no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Já a questão envolvendo o nome de Raymundo Correia Gonçalves é interessante. Ele surge uma vez com este nome, indicando Amazonas como espaço de escrita (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1929); entretanto, há outras duas ocorrências de R. C. Gonçalves (que podem ser as iniciais do mesmo Raymundo Gonçalves) no *Novo Almanaque* (1930), desta feita assinando suas peças de Trapiche, no Amazonas, o que pode indicar ser o mesmo autor com registros variantes no nome.

Há outros momentos em que a referência amazônica se dá simplesmente pela autoria, como nas duas ocorrências de Dungas Paraenses (ALLB, 1907), que não possui local nem título, mas que evoca no termo “Paraenses” uma relação de origem espacial restrita ao Pará. No *Novo Almanaque* (1885), E. Florinda M. das Neves cita o Pará, juntamente com o Maranhão numa quadra de um poema, mas escreve sua peça do Rio Grande do Sul, configurando uma referência amazônica somente quando se tem acesso ao teor do poema da autora. Há ainda um caso raro em todas as edições do *Almanaque* (*Novo Almanaque*, 1885), que apresenta um texto escrito em Óbidos (Pará), intitulado “Os negros”, mas que não é assinado.

O nome de Al-Mitã – pseudônimo de Alvaro Arnoso de Mello Leitão, fato de que o leitor é informado somente por conta de uma gravura do autor, no *Novo Almanaque* (1929) – aparece quatro vezes no *Almanaque*: com um texto em forma de logogrifo – espécie de enigma construído a partir das letras de uma palavra determinada, devendo-se construir outras palavras com as mesmas letras da palavra “original” – (ALLB, 1907, com local no Pará); com

outro logogrifo (ALLB, 1908, oriundo de Manaus); em seguida, há uma referência no *Novo Almanaque* (1929), desta feita do Rio de Janeiro; e por último a do *Novo Almanaque* (1931), escrita também do Rio de Janeiro. A presença de outra gravura também é responsável pela revelação do pseudônimo de O Mandarim de Randá (Português), cujo nome é Armando Arnaldo Ferreira de Miranda, no *Novo Almanaque* (1929 e 1930).

Já no *Almanaque* (1908), surge o nome de Baalgad (decifrador de charadas, que escreve de Manaus); no mesmo ano (1908, portanto), vem à tona o charadista Gabalda. Entre os dois nomes em questão, difícil não cair na tentação de pensar que se trata de um provável anagrama, perfeito, aliás, entre as palavras que formam os nome “Baalgad” e “Gabalda”. Tratar-se-ia da mesma pessoa, com a mesma função escritural (em torno da charada, sendo um que a propõe [Gabalda] e outro que a decifra [Baalgad]), escrevendo do mesmo lugar – Manaus?

Ainda em relação aos nomes do Almanaque e as possibilidades de diversos jogos de palavras e letras que compõem tais nomes, destaca-se a presença do decifrador de charadas Kramm Pello (*Novo Almanaque*, 1931), escrevendo de Belém, e de Kampelo – também decifrador e cujo texto se localiza em Belém. Com tais dados, pode-se desconfiar de que se trata da mesma pessoa, com apenas alguma variante no nome? Sim, se pode.

Para finalizar, se por um lado Eliana Dutra percebe, a partir do contexto dos colaboradores de todas as regiões do Brasil no *Almanaque*, uma “participação mais expressiva dos colaboradores do Norte e do Nordeste do país – devido às ligações mais constantes e fácies dessas regiões com a Europa e, em particular, pelo fato de o fluxo imigrante [...] ter como destino essas regiões do Brasil” (DUTRA, *in Revista do Arquivo Público Mineiro*, p. 123); por outro, deve-se considerar este nosso trabalho, especialmente produzido para esta edição do Encontro Norte-Nordeste da ABRAPLIP, como um guia descritivo e introdutório às referências amazônicas, presentes no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.